SABER FAZER NO CONTEXTO DOCENTE

TATIANE FERREIRA DE SOUZA

RESUMO
Este artigo aborda a importância do saber fazer na atuação docente, destacando a complexidade da competência profissional do professor no contexto educacional contemporâneo. Partindo das reflexões teóricas de autores como Bourdieu, Passeron, Rios e Freire, discute-se como a prática pedagógica ultrapassa o domínio técnico para incorporar dimensões éticas, políticas e sociais. A docência é apresentada como uma prática que exige compromisso com a formação integral dos alunos e a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Por fim, enfatiza-se a necessidade de constante reflexão e preparo do professor para enfrentar os desafios e dilemas da profissão, visando uma educação transformadora e inclusiva

PALAVRAS-CHAVE: escola, saber fazer, ética docente.

ABSTRACT
This article addresses the importance of “knowing how to do” in the teaching profession, highlighting the complexity of the teacher’s professional competence in the contemporary educational context. Based on theoretical reflections from authors such as Bourdieu, Passeron, Rios, and Freire, it discusses how pedagogical practice goes beyond technical mastery to incorporate ethical, political, and social dimensions. Teaching is presented as a practice that requires commitment to the holistic development of students and the construction of a more just and democratic society. Finally, it emphasizes the need for ongoing reflection and preparation by teachers to face the challenges and dilemmas of the profession, aiming for transformative and inclusive education.

KEYWORDS: teacher competence, pedagogical practice, ethical commitment, political education, transformative teaching, inclusive education.

INTRODUÇÃO

A atuação docente contemporânea envolve um conjunto complexo de habilidades, conhecimentos e atitudes que vão muito além da simples transmissão de conteúdo. O saber fazer do professor constitui-se como uma competência fundamental para o exercício eficaz e ético da profissão, englobando dimensões técnicas, éticas, políticas e relacionais. Em um cenário marcado por profundas transformações sociais, culturais e educacionais, o professor é constantemente desafiado a articular teoria e prática de forma sensível, crítica e comprometida com a realidade dos estudantes.

Segundo Pierre Bourdieu, a escola funciona como um espaço de reprodução social, onde a prática pedagógica pode tanto reforçar desigualdades estruturais quanto abrir caminhos para a transformação. A maneira como o professor conduz seu trabalho dentro desse espaço é determinante para o papel que a escola assumirá na vida dos alunos. O saber fazer, nesse contexto, não se limita ao domínio técnico do conteúdo, mas exige uma postura reflexiva, ética e política diante dos desafios cotidianos da educação.

A docência exige, ainda, o enfrentamento de dilemas morais e de condições adversas, que muitas vezes afastam o educador dos ideais que o motivaram a ingressar na profissão. Reconhecer essas dificuldades é fundamental para compreender a importância do apoio institucional e da valorização docente, elementos essenciais para que o professor continue acreditando na potência transformadora de seu trabalho.

Este artigo propõe-se a analisar a competência docente a partir da concepção do saber fazer, destacando a importância do compromisso do educador com a formação integral dos estudantes e com a sociedade em que estão inseridos. Para tanto, serão discutidos conceitos fundamentais como ética, política e compromisso na docência, além das dificuldades e desafios enfrentados pelo professor na busca por uma prática educativa transformadora. Compreender essa competência em sua totalidade é essencial para

valorizar o trabalho do professor e fomentar uma educação que ultrapasse a mera rotina escolar, potencializando a formação de cidadãos críticos e conscientes.

INSTITUIÇÃO ESCOLA E AÇÕES

A escola, em sua prática cotidiana, configura-se historicamente como uma instituição reprodutora dos valores, normas e estruturas sociais dominantes. Essa função reprodutiva, conforme apontam teóricos como Bourdieu e Passeron, não se limita apenas à transmissão de conteúdos escolares, mas envolve, sobretudo, a consolidação de uma ordem social existente, por meio da naturalização de hábitos, crenças e hierarquias. Nesse processo, o professor assume um papel central, pois, para além de educador, ele também é investido de uma autoridade simbólica que, em muitos aspectos, remete à figura parental. Assim como os pais no ambiente doméstico, o docente torna-se um agente de socialização, responsável por orientar comportamentos, reforçar normas e transmitir valores considerados legítimos pela cultura dominante.

No cotidiano escolar, essa autoridade se manifesta tanto na gestão da disciplina quanto na condução das relações interpessoais e do próprio processo de ensino-aprendizagem. O professor, nesse sentido, não apenas ensina conteúdos, mas também atua como mediador das expectativas sociais que a escola representa. Ao ocupar esse lugar simbólico, ele contribui – muitas vezes de forma inconsciente – para a perpetuação de desigualdades sociais, especialmente quando sua prática pedagógica não é atravessada por uma reflexão crítica e consciente sobre seu papel formador.

Entretanto, é justamente no reconhecimento dessa função reprodutiva que reside a possibilidade de superação. Ao tomar consciência de seu papel e da natureza ideológica da escola, o professor pode ressignificar sua prática, transformando-a em uma ação educativa comprometida com a emancipação dos sujeitos e com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso exige não apenas competência técnica, mas também sensibilidade ética e compromisso político com a formação crítica e cidadã dos estudantes.

Considerando-se que o Sistema de Ensino deve reproduzir no tempo as condições institucionais do exercício do Trabalho Escolar, isto é, que deve se reproduzir como instituição (auto-reprodução) para reproduzir o arbitrário cultural a que é destinado a reproduzir (reprodução cultural e social), todo sistema detém, necessariamente, o monopólio dos agentes encarregados de reproduzi-lo (BORDIER E PASSERON, 1982, p.69 apud Abdelnur, M. 1994, p. 91).

Isso significa que a escola é constituída, segundo Pierre Bourdieu, por agentes sociais professores, funcionários e gestores – que possuem uma formação durável, capaz de sustentá-los na execução de suas funções dentro do espaço escolar. Tal formação não é apenas técnica ou instrumental, mas também simbólica, no sentido de que confere a esses sujeitos um habitus pedagógico, que os orienta a reproduzir os valores dominantes da sociedade. Assim, a escola tende a configurar-se como um espaço de auto-reprodução da ordem social, promovida sob a aparência de neutralidade e legitimidade, e operada por meio de práticas pedagógicas rotineiras.

Neste contexto, a atuação docente é moldada por normas e estruturas que favorecem a manutenção do status quo. A pedagogia que predomina nas instituições escolares é, muitas vezes, aquela que se distancia da reflexão crítica e do diálogo com a realidade vivida pelos estudantes. A prática pedagógica, em vez de promover o pensamento autônomo, torna-se um instrumento de inculcação de saberes e comportamentos que se ajustam às exigências da ordem vigente.

Raramente, porém, observa-se o reconhecimento de docentes por sua capacidade de articular o conhecimento teórico com o saber fazer ou seja, a competência prática de ensinar de forma eficaz, sensível e relacional. Há professores que são admirados por sua proximidade com os alunos, por sua escuta ativa, e por desenvolverem práticas que dialogam com as realidades sociais dos estudantes. Outros, por outro lado, são temidos por sua rigidez e pela imposição de

autoridade, perpetuando relações hierárquicas baseadas no medo e na submissão.
Diante dessas realidades, o ambiente escolar passa a ser um espaço de aprendizagem não apenas de conteúdos curriculares, mas também de relações de poder. O aluno vai, ao longo de sua trajetória, aprendendo a reconhecer e a internalizar essas dinâmicas, o que contribui para a formação de subjetividades adaptadas às exigências sociais de controle e disciplina. A escola, nesse sentido, não é apenas uma instituição educativa, mas também um local onde se aprendem, muitas vezes de forma inconsciente, as regras de dominação e obediência que estruturam a sociedade.
Segundo Passeron (1982), o trabalho pedagógico dominante, que se realiza por meio da ação docente, cumpre uma função essencial de reprodução das estruturas de poder entre grupos e classes sociais. Esse processo ocorre tanto pela inculcação direta de valores quanto pela exclusão simbólica de saberes que não se ajustam à cultura hegemônica. Dessa forma, os indivíduos das classes dominadas tendem a aceitar como legítimos os códigos e normas da classe dominante, desenvolvendo formas de autodisciplina e autoconfiança que reforçam a ordem estabelecida. Deste modo:

Numa formação social determinada, o Trabalho Pedagógico pelo qual se realiza a Ação Pedagógica dominante tem sempre uma função de manter a ordem, isto é, a reprodução da estrutura das relações de força entre grupos e classes, na medida em que tende, seja pela inculcação, seja pela exclusão, a impor aos membros dos grupos ou classes dominados o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, e a lhes fazer interiorizar, numa medida variável, disciplinas e censuras que servem tanto melhor aos interesses, materiais ou simbólicos, dos grupo ou classes dominantes, quanto mais tomam a forma da autodisciplina e da auto confiança (PASSERON, 1982, p. 52 apud Abdelnur, M. 1994, p. 94).

No entanto, é necessário reconhecer que a escola também pode ser um espaço de transformação. Além de cumprir o papel de socializar, cabe à escola, sobretudo, ensinar. E, para que isso ocorra de maneira significativa, é fundamental que o professor compreenda sua profissão não apenas como execução de tarefas técnicas, mas como exercício ético e político. O saber fazer docente não se resume a dominar conteúdos, mas envolve sensibilidade, escuta, planejamento e compromisso com a aprendizagem dos estudantes.
O professor, nesse sentido, deve se perceber como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento. Seu dever vai além da simples transmissão de informações: ele deve estar atento às condições concretas em que seus alunos vivem, às desigualdades que atravessam suas trajetórias e às possibilidades que o ensino pode oferecer para a superação de barreiras sociais. O saber fazer na atuação docente está, portanto, profundamente vinculado à capacidade de ensinar com intencionalidade, consciência crítica e responsabilidade social.

COMPETÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE

A questão que se coloca, portanto, é: o que realmente compete ao professor? É a partir dessa indagação fundamental que este capítulo busca aprofundar a compreensão acerca da competência docente. Entende-se, nesse sentido, que uma das principais competências a ser construída pelo professor é o "saber fazer bem" — ou seja, a capacidade de desempenhar adequadamente as atribuições inerentes à sua função pedagógica. Esse saber prático é parte essencial da bagagem profissional do educador, que deve ser capaz de aplicar conhecimentos e habilidades em consonância com as necessidades do processo educativo.
É necessário refletir que o educador competente não é apenas aquele que domina conteúdos ou técnicas pedagógicas, mas sobretudo aquele que se compromete com a construção de uma sociedade justa e democrática. Em tal sociedade, saber e poder devem estar associados em uma relação de equivalência, atuando como elementos que interferem de modo construtivo na realidade social e organizam relações pautadas na solidariedade, e não na dominação. Contudo, a ideia de poder, frequentemente associada

apenas à dominação, tem sido exercida de maneira restrita e opressora, especialmente na sociedade brasileira contemporânea, como ressalta Rios:

Nesse cenário, a competência profissional do professor ultrapassa o mero domínio dos conteúdos a serem ensinados. Ela implica, também, o entendimento das complexas relações que se estabelecem no ambiente escolar, entre os diferentes setores, atores e instituições, bem como uma compreensão ampla da relação entre a escola e a sociedade em seu contexto histórico e político. Isso implica que o docente deve navegar não apenas pelo conhecimento técnico, mas também pelas dimensões sociais, culturais e políticas da educação.

Conforme observa Rios (2007), o "saber fazer bem" abarca uma dimensão técnica, que envolve o saber propriamente dito e o saber fazer — o domínio dos conteúdos e habilidades necessários para o desempenho efetivo do papel docente. No entanto, é fundamental resgatar também os conceitos de ética, política e compromisso na prática pedagógica, pois muitos educadores ainda têm dificuldades em compreender a intrínseca relação entre ética e política no exercício do ensino. Muitos interpretam a política como algo alheio ou restrito a partidos e sindicatos, afirmando ser neutros ou apolíticos, quando, na realidade, o compromisso do professor com os interesses dos estudantes é, em si, uma postura política. Para aprofundar essas noções, Aranha (1993) esclarece que a ética, derivada do grego ethos, refere-se aos costumes e princípios morais que orientam a ação humana, submetendo-a ao dever. Já a política é a reflexão sobre as relações de poder entre cidadãos, sociedade e Estado. Assim, cabe à escola fomentar discussões sobre as relações políticas presentes na sociedade, que permeiam inclusive as relações sociais na família e na própria escola.

A prática política emancipatória exige do educador uma tomada de posição consciente e comprometida com a missão histórica de transformar a sociedade, superando as relações de classe que sustentam a alienação e limitam o pleno desenvolvimento humano. Contudo, conforme aponta Libâneo (1985 apud Rios, 2007, p. 81), a prática educativa permanece, antes de tudo, um exercício profissional, que demanda competências técnicas aliadas ao compromisso ético-político.

A prática política emancipatória requer, efetivamente, do educador, uma tomada de posição pela missão histórica, consciente e consequente da humanidade, de destruir as relações de classe que sustentam a alienação e privam o homem de seu pleno desenvolvimento humano. Mas a prática educativa é, antes de tudo, profissional (LIBÂNEO, 1985 apud RIOS 2007, p. 81).

Ao aprofundar o conceito de competência docente, percebe-se que ele vai muito além da simples afetividade com os alunos. Especialmente para professoras, o senso comum insiste em atribuir-lhes um papel predominantemente maternal, enfatizando a dimensão emocional e classificando a "boazinha" como a educadora ideal. Entretanto, o ensino de qualidade requer algo muito mais complexo: é preciso estabelecer pontes que atendam às necessidades reais dos alunos, que muitas vezes permanecem ocultas ou mascaradas por dificuldades sociais e emocionais.

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, [...] a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade (FREIRE, 1996, p. 38).

Dessa forma, a competência docente envolve uma confluência de saberes técnicos, éticos, políticos e relacionais que, combinados, formam a base para uma atuação educativa transformadora, capaz de contribuir para o desenvolvimento integral do estudante e para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva, conforme exposto:

É preciso pensar que o educador competente é um educador comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, no qual saber e poder tenham equivalência enquanto elemento de interferência no real, e organização de relações de solidariedade e não de dominação, entre os homens. A ideia de poder, entretanto, é frequentemente associada apenas à de poder, entretanto, é frequentemente associada apenas à de dominação, porque é assim que ele tem sido exercido, particularmente na sociedade brasileira hoje (RIOS, 2007, p. 65).

Nesse sentido, surge a pergunta: qual é o saber necessário para garantir um ensino em que as crianças adquiram o conhecimento indispensável ao exercício pleno da cidadania? Rios (2007, p. 62) afirma que "sem comer o indivíduo não pode ter vida, sem escola, sua vida é apenas mais pobre". É imperativo que o educador reconheça a articulação entre educar e função política, o que lhe permitirá compreender melhor sua competência enquanto sujeito ativo da educação. Saber não é apenas desejar conhecer, mas dominar os mecanismos que viabilizam o saber fazer, os quais devem conduzi-lo ao compromisso real com os alunos e a sociedade como um todo.

SABER FAZER NA PRÁTICA DOCENTE: A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Acreditar que o ensino de qualidade é aquele que vai além do simples domínio da leitura e da escrita é reconhecer a importância de uma educação ampla e socialmente inclusiva. Essa abordagem promove não apenas a leitura de ler, escrever e saberes matemáticos, mas principalmente a leitura crítica do mundo, possibilitando às crianças compreenderem e se posicionarem em relação à sua realidade social. Ser um professor-educador, nesse sentido, exige o desenvolvimento contínuo de competências que transcendam o aspecto técnico, abrangendo também a reflexão ética e moral.

Diariamente, o docente enfrenta situações complexas que desafiam sua capacidade de agir com sensibilidade, responsabilidade e compromisso, reafirmando a importância do saber fazer como fundamento para uma prática pedagógica efetiva e transformadora Segundo a Declaração Internacional da Educação sobre a Ética Profissional dos Professores, os profissionais da educação devem:

Justificar a confiança pública e aumentar o respeito pela profissão, oferecendo a todos uma educação de qualidade;
Garantir que o conhecimento profissional seja constantemente atualizado e aperfeiçoado;
Determinar a natureza e o formato de programas de formação contínua como expressão essencial do seu profissionalismo;
Divulgar toda informação relevante relacionada com as suas competências e qualificações;
Lutar, participando ativamente no seu sindicato, para obter condições de trabalho que incentivem o ingresso de pessoas altamente qualificadas na profissão;
Apoiar todos os esforços para promover a democracia e os direitos humanos através da educação;
Respeitar os direitos de todas as crianças, em particular dos estudantes, para que possam beneficiar do disposto na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, particularmente no que diz estudantes protegendo-os de intimidações e de abusos físicos e respeito à educação;
Salvaguardar e promover os interesses e o bem-estar de todos os psicológicos;
Somar todas as medidas para proteger os estudantes de abusos sexuais;
Atender aos problemas que afetam o bem-estar dos estudantes, tratando-os cuidado, dedicação e discrição;
Ajudar os estudantes a desenvolver um conjunto de valores de acordo com os padrões internacionais de direitos humanos;
A manter relações profissionais com os estudantes;
Reconhecer a individualidade e necessidades específicas de cada aluno, e estimulando-os para que possa desenvolver plenamente as suas potencialidades;
Proporcionar aos estudantes o sentimento de pertença a uma comunidade, baseada em compromissos mútuos de comprometimento com a existência de um lugar para

todos;
Exercer a autoridade com justiça e solidariedade;
Garantir que a relação privilegiada entre professor e aluno não é utilizada para fins de proselitismo ou controle ideológico. (Declaração, IE, 2008).

A declaração apresentada tem como compromisso conscientizar professores para um compromisso individual e coletivo contempla, leis, estatutos e regras sendo uma forma de ver os problemas que surgem nos diferentes setores da educação.
Tem como ponto principal, favorecer a igualdade de oportunidades aos alunos e orientar as ações decentes para que sejam comprometidas com o desenvolvimento social.
O professor deve sentir-se amparado e preparado para enfrentar as dificuldades cotidianas, pois é por meio de sua dedicação e coragem que se constrói um futuro promissor. Assim, suas mãos tornam-se instrumentos essenciais na transformação da realidade educacional, projetando novas possibilidades para as próximas gerações.

Mãos dadas
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história, não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela, não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida, não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.
Carlos Drummond de Andrade

O poema revela como a realidade frequentemente cerca o professor, impondo-lhe desafios que podem afastá-lo dos ideais cultivados ao longo do tempo. É fundamental acolher esse profissional, oferecendo apoio e confiança para que não perca a esperança diante de um presente muitas vezes árido. O professor deve sentir-se amparado e preparado para enfrentar as dificuldades cotidianas, pois é por meio de sua dedicação e coragem que se constrói um futuro promissor. Assim, suas mãos tornam-se instrumentos essenciais na transformação da realidade educacional, projetando novas possibilidades para as próximas gerações.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SABER FAZER NA DOCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

O exercício da docência na atualidade está permeado por desafios complexos que exigem do professor não apenas competência técnica, mas também habilidades críticas, éticas e políticas. O saber fazer na atuação docente, enquanto construção dinâmica e multifacetada, demanda uma constante atualização frente às transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam o ambiente escolar e a vida dos estudantes. É necessário reconhecer que a escola, tradicionalmente compreendida como espaço de reprodução social, pode e deve se transformar em um locus de resistência e emancipação, onde o conhecimento se alia à reflexão crítica e ao compromisso social.
Nesse sentido, o professor enfrenta, cotidianamente, dilemas éticos e morais que envolvem tanto a gestão das relações interpessoais quanto a articulação entre teoria e prática pedagógica. A preparação para essa complexidade passa por uma formação inicial e continuada que valorize a integração entre o saber técnico e o saber ético-político, possibilitando ao educador atuar com autonomia crítica e responsabilidade social.
Além disso, a valorização do professor enquanto agente transformador implica em políticas educacionais que ofereçam condições adequadas de trabalho, formação permanente e reconhecimento profissional. O fortalecimento da competência docente passa pela criação de espaços de diálogo e reflexão, onde experiências e saberes possam ser compartilhados e problematizados, contribuindo para o aprimoramento da prática pedagógica.
Por fim, a perspectiva de uma educação inclusiva e emancipatória depende diretamen-

te da capacidade do professor em articular o saber fazer com o compromisso político e ético, entendendo que a formação do aluno para o exercício pleno da cidadania exige mais do que o domínio do conteúdo: requer uma prática educativa que incentiva a autonomia, o pensamento crítico e a solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise acerca do saber fazer na atuação docente e da competência profissional do educador revela a complexidade e a profundidade que envolvem o exercício da docência na contemporaneidade. Não se trata apenas do domínio técnico dos conteúdos ou da aplicação de métodos pedagógicos, mas de uma prática que exige comprometimento ético, político e social, alinhada a uma visão crítica e transformadora da educação. O professor, como agente social, é chamado a participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa e democrática, na qual o saber seja um instrumento de emancipação e solidariedade, não de dominação.

Observa-se que a escola, conforme as reflexões de Bourdieu e Passeron, funciona muitas vezes como um espaço de reprodução das desigualdades sociais, onde o trabalho pedagógico pode se reduzir à mera inculcação e repetição de valores hegemônicos. Entretanto, essa realidade não é imutável. O saber fazer do professor, quando compreendido em sua dimensão ética e política, pode romper com essa lógica e instaurar práticas educativas que valorizem o diálogo, a reflexão crítica e o reconhecimento das singularidades dos alunos.

A competência docente, portanto, ultrapassa a afetividade e o simples relacionamento interpessoal, embora estes sejam importantes. Ela engloba a capacidade de articular conhecimentos técnicos com uma postura ética que reconheça o papel do educador como transformador social. A compreensão da docência como uma prática política reforça a necessidade de que o professor se veja como um sujeito ativo na luta contra as desigualdades, com consciência da função histórica da educação.

Além disso, a competência do professor deve envolver a sensibilidade para identificar as condições reais de vida dos alunos e a habilidade para estabelecer estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral do estudante. Saber fazer, nesse sentido, implica ir além do conteúdo, incluindo a promoção de uma leitura crítica do mundo e a capacidade de inspirar nos alunos a construção de sua autonomia e cidadania.

O compromisso do educador com seus alunos e com a sociedade exige uma preparação contínua, que articule teoria e prática, técnica e ética, conhecimento e sensibilidade. Tal preparo possibilita ao professor enfrentar os dilemas cotidianos e os desafios impostos pela realidade escolar, mantendo a esperança e a perseverança na missão educativa.

Por fim, é imprescindível reconhecer que o saber fazer docente é um processo dinâmico e multifacetado, que requer constante reflexão, atualização e envolvimento com as transformações sociais e culturais. Ao fortalecer suas competências técnicas, éticas e políticas, o professor não só aprimora sua prática pedagógica, mas também contribui decisivamente para a construção de uma educação que promova a inclusão, a justiça social e o pleno desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ABDELNUR, M. Formação de professores: o poder, a matemática e interdisciplinaridade. Dissertação de Mestrado. apresentada junto ao curso de pós graduação em educação Matemática, Rio Claro: 1994.

DRUMOND, Carlos. Mãos dadas. Disponível:https://wp.ufpel.edu.br/aulus-mm/2016/08/21/maos-dadas-carlos-drummond-de-a ndrade/. Acesso em: 5 jun. 2025.

DECLARAÇÃO, da IE sobre ética profissional. Disponível em: http://www.sdpa.pt/declaracao. Acesso em: 01 de junho de 2025.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HARPER, B. Cuidado escola! desigualdades,

domesticação e algumas saídas. São Paulo: Brasiliense, 1984

GROSSI, E. A coragem de mudar em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARIN, A. J. (Org.) Educação continuada: reflexões, alternativas. Campinas, SP: Papirus, 2000.

RIOS, T. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2007.